

A INDETERMINAÇÃO NA CONCEPÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ARQUITETÔNICO — REFLEXÕES E UM ESTUDO DE CASO*

Antonio Carlos Grillo**

Naquele ano de noventa e sete, nossa tradicional festa de amigo-oculto natalina foi na casa de um amigo recém-casado, arquiteto como a maioria de nós. Ele havia comprado um apartamento novo há vários meses, mas ainda não havia recebido os amigos; a pequena reforma inicial custava a ficar pronta. Acho que nunca vou me esquecer da incômoda aflição que nos causou aquele espaço, a mim e a outros amigos confidentes. Belos quadros, paredes em cores fortes, sancas, luminárias com elaborados efeitos de iluminação, móveis desenhados pelo próprio em quase todos os ambientes (ou seria em todos?), revestimentos e espelhos especiais nos banheiros, etc., etc., etc. Tudo novo, cheio de detalhes, cheio de *design*, bonito demais, arrumado demais, definitivo demais.

Possivelmente, o caso não me teria causado tanta estranheza se não fosse o fato do casal estar **inaugurando** o apartamento. Inaugurando um espaço pronto, onde parecia não haver dúvidas e não caber mudanças. Provavelmente, dúvidas ocorreram ao longo do processo de decoração, mas naquele resultado primeiro as dúvidas, se ocorreram, não deixaram rastro, foram apagadas da cena, como algo espúrio, que não devesse transparecer. O acontecimento me tocava de maneira especial pelo fato de estar vivenciando, naquela mesma época, a definição de meu próprio espaço. Estava nos últimos meses da construção de minha casa, e nela se solidificavam, de maneira inadiável, custosas decisões. Todo

* Este texto teve como base o trabalho desenvolvido para a disciplina Utopias Negativas, ministrado pelas professoras Rita de Cássia Lucena Velloso e Silke Kapp, no Curso de Especialização "Arquitetura Contemporânea: Projeto e Crítica" do IEC / PUC Minas, de 1999.

** Engenheiro Civil pela FUMEC-MG (1983), Arquiteto pela EAUFGM (1985), Especialista em Arquitetura Contemporânea pelo IEC / PUC Minas (1999). Professor Assistente do Curso de Arquitetura da PUC Minas, nas disciplinas de Projeto e Sistemas Estruturais. Coordenador do Núcleo de Arquitetura e Tecnologia do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas.

o processo de elaboração da casa — do projeto à obra — estava marcado por dúvidas, mudanças, indefinições. Uma agonia sem fim.

Agonia. Sem fim. Mas deveria ser agonia? Deveria ter fim? Me questionava sobre a legitimidade da incerteza: Até que ponto ela é natural, desejável? Até que ponto deve ser valorada ou superada? O que há de cultural nesse processo? E de pessoal? Depois: Até que ponto a incerteza pode ou deve se refletir no processo projetual? E nos espaços e formas projetadas? Até onde pesa o fato de ser ao mesmo tempo arquiteto e cliente?

A FORMA NA ERA DA INCERTEZA

Do ponto de vista cultural, a incerteza parece ter se desvinculado da culpa que lhe foi imputada pelo determinismo do pensamento moderno. Em oposição ao positivismo, surge como reconhecimento e superação dos traços de prepotência da sociedade moderna. Como característica marcante dessa mudança paradigmática no pensamento contemporâneo, temos a ênfase na particularidade, em contraposição à racionalidade universalizante. Um dos sintomas dessa nova postura é a abertura da sociedade a processos cada vez mais participativos. Esses fatores implicaram uma maior flexibilidade no comportamento de pessoas e instituições, o que inevitavelmente tende a uma mudança na maneira como se concebe a arquitetura.

Do ponto de vista socioeconômico, presenciamos nas últimas décadas uma rápida evolução tecnológica — em especial no campo da informação — e contínuas alterações nas relações de trabalho em uma nova ordem mundial. Em países em processo de desenvolvimento, como o nosso, esse panorama ainda é potencializado por uma alteração mais significativa no quadro social, com um aumento proporcional do valor da mão-de-obra em relação aos bens de consumo, e com uma supervalorização do solo urbano. Trata-se de um processo que, além de veloz, é recente, e ainda está em curso. O rebatimento espacial dessa nova realidade pode ser vislumbrado em diferentes áreas da arquitetura.

Na arquitetura institucional e comercial, em que o panorama evolutivo decorre principalmente das transformações tecnológicas, é impressionante a rapidez com que se renovam os equipamentos e se alteram as relações de trabalho no espaço: temos espaços cada vez mais informatizados; equipamentos cada vez menores; uma maciça substituição do arquivo em papel pelo arquivo digital; a substituição da mão-de-obra pelas máquinas; a crescente terceirização de serviços. Em escritórios, clínicas e fábricas, é quase impossível um ambiente de trabalho não ter passado por profundas modificações recentes dessa natureza.

Na arquitetura residencial também são evidentes as transformações. Aumenta o número de moradores que trabalham em casa, seja como autônomos, seja executando serviços que não mais têm necessidade de ser realizados nas empresas onde trabalham. Trata-se de um processo que, potencializado pela conexão digital, vem ao encontro do interesse de enxugamento da estrutura física e pessoal das empresas. Por outro lado, diminui o número de empregados domésticos, em função do crescente aumento do valor da mão-de-obra, e de suportes dos serviços terceirizados e de equipamentos domésticos, cada vez mais presentes em vários ambientes da casa.

A incerteza na concepção do projeto arquitetônico envolve também uma questão meramente pessoal. Ao considerarmos o projeto como fruto de anseios particulares de um cliente, teremos como variáveis o conhecimento que este cliente tem de si próprio, a clareza de suas aspirações no tocante ao projeto, o conhecimento do potencial da arquitetura na tradução dessas aspirações, e sua auto-confiança nos momentos decisórios. No caso de um projeto contratado, entra na questão a postura do arquiteto, e a relação que estabelecem entre si cliente e arquiteto. Essa relação envolve o nível de conhecimento e compreensão que o profissional tem de si e do cliente, das aspirações das partes envolvidas no processo e do potencial e risco de evolução dessas aspirações. Quanto menor esse conhecimento, mais se mostra conveniente a abertura de um projeto a alterações espaciais que contemplem novas demandas. Entretanto, podemos imaginar que, por mais que o cliente esteja seguro de seus desejos, um certo grau de indeterminação em seu espaço pode induzi-lo a uma postura pessoal mais atenta, dinâmica e criativa. E ainda, permitir uma quebra de monotonia — estética e de uso — dos ambientes. Do ponto de vista do profissional, uma atitude menos determinista pode dar margem a uma participação mais efetiva do cliente no processo, proporcionando um trabalho de mão dupla, com grandes chances de enriquecimento e benefícios para ambas as partes. Essa abordagem encontra maior pertinência e aplicabilidade exatamente na arquitetura residencial, que representa um volume significativo da atual produção dos arquitetos. Infelizmente, falta em nossa formação profissional um mínimo de conhecimento de psicologia, fundamental para a compreensão do comportamento humano e para uma relação mais esclarecedora e profícua com o cliente.

Mas, e quando se projeta para si mesmo, o que muda? Quando o cliente é outro, por mais que se evolua na relação interpessoal e no desenvolvimento do projeto, há um momento em que se diz: “Chega, vai ficar assim”. Por questões contratuais, financeiras, éticas, ou emocionais, dá-se o processo por finalizado e afasta-se (difícilmente elimina-se) — da prancheta e da cabeça — a elocubração sobre o projeto. Mas quando se é o próprio cliente, não adianta querer se afastar do projeto, pois ele não se afasta da gente. E quando se é inquisidor e sincero,

não há espaço para mentiras, vergonha, submissão e tantas outras questões frequentemente envolvidas na relação entre arquiteto e cliente. Há, sim, espaço de sobra para questionamentos, análises, dúvidas. Decifrar seu desejo de espaço é se decifrar, se descobrir. E esse processo terapêutico não costuma se compatibilizar com o ritmo costumeiro de projeto. Só quando se projeta para si mesmo é que se dá conta da dimensão cristalizadora do projeto e da responsabilidade dessa implicação: o projeto congela as aspirações do cliente no momento de sua feitura; de um cliente que costuma não se conhecer, e que dificilmente será o mesmo quando a obra ficar pronta.

Se somarmos as questões acima abordadas — o não-determinismo cultural da sociedade contemporânea, a conveniência de flexibilização funcional dos espaços decorrente de um quadro socioeconômico em constante mutação, e a aceitação de um processo pessoal auto-cognitivo igualmente evolutivo — estaremos então assumindo a fragilidade do processo de concepção do espaço, e legitimando a incerteza como fator natural e significativo na criação.

A dimensão com que a incerteza vai ser admitida e assumida nesse processo vai variar em função das variáveis do projeto, da consciência que delas se tem, e do peso simbólico que esse conceito pode assumir no projeto.

Do ponto de vista funcional, o potencial de flexibilidade e adaptabilidade dos espaços frente a mudanças internas é uma resposta que já vem sendo dada na arquitetura, de maneira mais evidente nas reciclagens de edifícios antigos e galpões industriais. Também a postura projetual com relação à volumetria se altera, levando-se mais seriamente em consideração possíveis ampliações. Mas é principalmente no simbolismo que permeia a estética arquitetônica que reside o aspecto mais fértil na produção contemporânea, e o ponto mais aberto à indagações, especialmente no peso com que incide na arquitetura.

Se a maior parte da arquitetura moderna se apresentava em formas duras, fechadas, definidas, inalteráveis, o repertório formal de grande parte da arquitetura recente em evidência é marcado por fragmentos, incompletudes, irregularidades, incertezas. Trata-se de uma evidente postura crítica frente ao pensamento moderno. Quando tais características estão incorporadas em uma lógica geral consistente e abrangente, a arquitetura se mostra efetivamente como um honesto produto cultural de sua época.

Entretanto, com frequência temos visto arquiteturas com tais características formais dissociadas de qualquer correspondência em suas outras dimensões. A indeterminação, como oposição ao positivismo, surgiu como sinal de autocritica de nossa sociedade, como reconhecimento de um ponto fraco da cultura moderna. Como tal, é uma demonstração de honestidade para com nós mesmos.

Entretanto, essa honestidade, germe das recentes transformações arquitetônicas, por vezes parece frágil, sendo freqüentemente soterrada pelas formas que gerou.

Além dessas respostas formais mais explicitamente contestadoras, podemos considerar que a indeterminação não se traduz necessariamente em uma composição irregular de formas fragmentadas. Nada nos impede de trabalharmos, por exemplo, com composições aditivas de formas puras, dentro de uma lógica dinâmica, tanto do ponto de vista funcional quanto simbólico. As recentes manifestações arquitetônicas de clara inspiração neomodernista podem ser vistas como uma reação ao frenesi das formas deconstrutivistas. Mas, assim como estas, têm freqüentemente surgido como reflexo condicionado de consumo de imagens, isentas de uma reflexão mais profunda de seu significado.

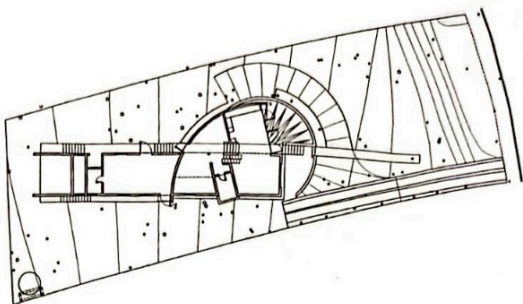
Essas reflexões se faziam para mim cada vez mais presentes a partir do processo de projeção de minha própria casa. O episódio me fazia vivenciar de maneira visceral, como nunca anteriormente, a incerteza na concepção e apropriação do espaço arquitetônico.

MINHA CASA

A princípio, o desafio de fazer o projeto de minha própria casa não mostrava sinais de ser um processo angustiante. Pelo contrário. O terreno, em um bairro junto à estrada de Nova Lima, é dentro da mata e tem uma bela vista — um local inspirador. Ao final de uma semana, já tinha pronto um estudo. Porém, passados alguns meses, o número de estudos já ultrapassava a casa dos vinte. Por fim, consegui fechar um projeto básico para enviar à Prefeitura.

O projeto se resolveu numa articulação volumétrica pautada em referências de alinhamento à estrutura urbana e, principalmente, à direção oblíqua que se tem da Serra da Piedade. Sobrepondo-se a essas referências, a orientação cardinal ditou uma série de marcações no detalhamento da obra. No desenvolvimento do projeto, sempre pensava na diversidade potencial de apropriação dos espaços e nas possibilidades espaciais e formais de possíveis ampliações.

Externamente, o espaço mais marcante da casa talvez seja o que, sintomaticamente, espelha uma indeterminação explícita: a laje da cobertura, levemente inclinada, que nasce do chão na parte alta do fundo do terreno e forma uma rampa em direção ao vazio. Um terraço enigmático, que não induz a nenhum uso convencional. Apesar do fascínio e surpresa da vista para o qual se direciona — a Serra da Piedade —, ele apresenta um certo desconforto em função da inclinação, desconforto para muitos acentuado pelo temor da altura e falta de proteções.



Na ansiedade de começar a obra, inicia-se sem ter fechado um projeto detalhado; empurrava o quanto podia as decisões adiáveis. Não eram apenas questões como detalhamento e acabamento que me dificultavam o fechamento do projeto, mas também o que era naturalmente consequência das indeterminações nele fomentadas. Como os espaços seriam usados por um morador solteiro? E como seria com uma companheira, com filhos? As previsões guardavam sempre segundas possibilidades; a indecisão pelos *lay outs* me levou a encher a casa de pontos de luz, telefone, antena, som. A sala poderia ser de estar, ou abrigar uma tevê; o estar íntimo poderia se transformar em escritório, ou virar um segundo quarto; possíveis portas, tubos de Batman; a garagem/oficina/ateliê também poderia se transformar num quarto... ou num escritório. E então, o que eram conjecturas começaram a se tornar realidade.

Ainda trabalhava nas obras de fundação quando ocorreu a primeira e mais significativa alteração no projeto. A princípio, estava decidido a não ter escritório em casa. Mas uma série de fatores, principalmente o crescente envolvimento com a vida acadêmica, me fizeram mudar de idéia. O cômodo posterior da casa, destinado à garagem, e que não seria construído numa primeira etapa,

virou um escritório, com entrada independente (perdi minha oficina/ateliê — meu tão desejado local de bagunças e possibilidades). Essa alteração acarretou outras modificações no restante da casa: o planejamento de um possível futuro abrigo para carro; e a liberação de um canto que seria meu escritório de casa para assumir outros usos. O projeto permitia várias possibilidades de ampliação, nenhuma delas projetada, apenas vislumbradas, sem muita precisão nem desejo (bastava de decisões!).

Essas mudanças em relação às idéias presentes no projeto inicial deixavam evidente a fragilidade do processo de predeterminação de função e uso do espaço projetado. E reforçavam o valor que já dava aos projetos que permitem ao espaço diversidade de apropriação e um maior potencial de transformação. A vida muda, as pessoas mudam, e obra é coisa cara.

Como não consegui fechar o projeto antes da obra, vários detalhes de acabamento ficaram por se decidir *in loco*. Ao final da obra, mergulhando vertiginosamente no vermelho, as opções recaíam no absolutamente necessário. Até que chegou o dia: “*Pára tudo!*” O essencial estava pronto; o que não tinha sido feito iria esperar.

Finalmente, me mudei. E a vivência do espaço construído ainda me reservava algumas surpresas em sua apropriação. A maioria dos móveis já passeou pela casa, e estão onde não os tinha imaginado: o som em um nicho, sobre um arquivo; a tevê sobre uma caixa de madeira no centro do estar íntimo; a bicicleta; a posição das estantes, de um aparador, dos sofás, de minha cama... Até hoje olho para esses espaços, para os móveis: — E se ...?

Ao me mudar, apesar da felicidade de finalmente habitar minha própria casa, estava estafado, com ressaca de obras, e com muitas dívidas. A impossibilidade de prosseguir no acabamento da obra, deixá-la terminada, ao invés de me deixar ansioso, me deixava aliviado. Sentia a leveza do descompromisso. Percebi que a falta de dinheiro, de tempo e de ânimo funcionavam como um álibi para a manutenção daquele estado de coisas. A casa apresentava uma possibilidade razoavelmente grande de ser minha para o resto da vida. Portanto, não via nenhuma pressa em dar-lhe uma cara definitiva, em determinar o caráter de seus espaços. É claro que um espaço, uma vez “arrumado”, poderia ser modificado. Na medida ideal, isto requeria algum investimento, o que não estava em condições de fazer. Mas em alguns espaços, bastava instalar uma luminária que já tinha, pregar um quadro... Me dei conta que me seduzia a indeterminação dos espaços, o provisório, que, em suspensão, anuncia mudanças, e evidencia o potencial latente dos espaços. Um passo antes. Nada nunca pronto e acabado (seria o fim!). Uma porta sempre aberta. Uma casa viva.

Dois anos depois da mudança, a casa continua praticamente como estava quando parou a obra naqueles dias. Alguns rodapés estão soltos; as duas escadas de madeira da obra foram adotadas na casa; as lâmpadas ainda estão em boquilhas baratas, penduradas nos tetos e paredes. No terreno externo continua a mata e o mato. Os quadros ainda não foram para as paredes. Estão apenas encostados nelas, apoiados no chão, em aparadores, estantes, relutantes em assumir um lugar. Tenho gostado das paredes nuas, da arquitetura limpa, tenho pudor com os pregos. Os quadros são meus companheiros de indecisão.

Sigo sem pressa. Espero pelo dinheiro, pelo tempo, pela vontade. Pela lenta dissolução do meu álibi. A casa é um estoque de iniciativas. Este ano, trabalhei um pouco na área externa e plantei várias árvores, especialmente junto às cercas. Começo a me preocupar com os vizinhos.

Novembro de 1999